



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Azulejos de Guimarães

(Estudo)

Principiemos por ressuscitar as velhas notícias acerca das igrejas de Guimarães que ainda no século XVII — seus meados — se mantinham, em parte ou no todo, revestidas de azulejos. São por isso os biógrafos desse século os primeiros inventariantes da riqueza cerâmica de revestimento mural da cidade e concelho — os quais, digamo-lo desde já, importaram sempre os produtos dessa espécie de decoração artístico-industrial.

Conhecem-se por eles, os biógrafos, as notícias de que no século XVII eram ainda azulejadas: *a)* toda a igreja de N.^a S.^a da Oliveira (Colegiada), incluindo a capela-mor e uma outra, anexa, dedicada a S. Nicolau; *b)* toda a igreja do extinto convento de Santa Clara; *c)* a igreja paroquial de S. Paio, recentemente destruída; *d)* a capela-mor da igreja de S. Domingos; *e)* e a capela-mor da também destruída igreja de S. Sebastião.

Cremos não laborar em erro afirmando que os azulejos desaparecidos dos edifícios religiosos acima citados se relacionavam com o conhecido tipo *de tapete*, arte essa com que, por influência decorativa dos tecidos, os ceramistas italianos da Renascença vieram deslocar, empregando os motivos vegetais, a velha arte geométrica e tecnicamente incomparável dos azulejos de procedência mosárabe.

Restos de grande quantia e os únicos documentos alimentadores daquela asserção, guardam ainda azulejos desse carácter: *a)* uma capela instalada ao fundo da sacristia principal da igreja de N.^a S.^a da Oliveira (Colegiada); *b)* a igreja, sacristia e claustro de Santa Marinha da Costa, cuja data de execução dos azulejos

é a de 1643¹; *c)* algumas das dependências azulejadas do hospital da Santa Casa da Misericórdia, instalado no antigo convento dos Capuchos; *d)* a capela particular denominada de N.^a S.^a da Boa Morte, sita ao alto do largo Martins Sarmento, e que foi da instituição do cônego Jerónimo Dias Pimenta; *e)* a capela de Santa Cruz, à rua do mesmo nome; *f)* e, entre outros, o edifício particular da rua de S. Domingos, hoje pertença da Casa do Costeado.

Pelo que respeita a azulejos monocromos, com representação figurada, em recorrência artística do género das tapeçarias e muitas vezes em pura cópia da obra de gravura, cujo fabrico teve início em Portugal no último quartel do séc. XVII, conserva Guimarães uma das maiores e mais bem respeitadas colecções do país.

Compreende esta colecção: *a)* a capela de N.^a S.^a da Conceição, na freguesia de S. Pedro de Azurém; *b)* a escadaria principal, sala capitular, o lanço das celas e a varanda, fronteira à serra, no convento de Santa Marinha da Costa; *c)* o cruzeiro e a capela-mor da igreja de S. Francisco; *d)* a capela-mor do extinto convento das Capuchinhas; *e)* a capela-mor da igreja de S. Dâmaso; *f)* e a capela particular da Quinta de Laços, da instituição dos cavaleiros fidalgos Paulo Borges e seu filho Francisco Borges Peixoto².

A decoração de azulejo da capela de N.^a S.^a da Conceição, em Azurém, encerra dois grupos de período e procedência diferentes, sendo o mais antigo o do corpo da capela, que diz respeito ao início do séc. XVIII e representa uma série de formosas composições alusivas ao *Cântico dos Cânticos*; e posterior, o grupo dos pequenos quadros da capela-mor, exibindo assuntos do *Novo Testamento*, os quais, pelo carácter do desenho e intenção representativa, devemos outorgar além, aos meados do mesmo século. E' evidente que os azulejos que se referem aos textos do *Cântico dos Cânticos* expressam ainda manifestações artísticas, do

¹ Frei Cristóvão da Cruz — *O Convento da Costa*, in «Revista de Guimarães», vol. 27, n.º 2.º, pág. 63.

² E' hoje da propriedade do Sr. Álvaro Costa Guimarães.

género, preponderantes já no século anterior. Os seus motivos figurados reflectem, se não cópia, pelo menos inspiração recebida de quadros ou azulejos italianos, como é fácil de observar não só pelo emprêgo da indumentária, como ainda pela estilização e composição dos quadros. As molduras ali empregadas acompanham também o espírito decorativo do séc. XVII, desenvolvendo motivos ornamentais do género *baroque*, interrompidos a pequenos espaços pela representação de escudetes, génios, anjos, aves, etc. Mas relativamente aos azulejos do segundo grupo, ou seja aos da capela-mor, de proporção inferior nas dimensões, são-no igualmente pelo que respeita à originalidade na interpretação dos assuntos, ao seu escôrço, tintas e qualidades de cozimento. Dizem respeito à vida da Virgem, representando, nos quadros mais salientes, a *Anunciação*, a *Visitação* e a *Apresentação no Templo*. Se são, como pensamos, cópias de gravura, daremos ao copista os modelos das estampas religiosas de uso devoto e popular na primeira metade do séc. XVIII, ou em que não intervieram os grandes buris da época, inclusive os portugueses.

Os azulejos figurados do Mosteiro de Santa Mariinha da Costa, apesar de tratar-se da decoração de uma casa de religiosos, não tocam todavia, nem ao de leve sequer, os assuntos que seria de esperar ver ali representados.

Atravessada a portaria, a escada e o claustro — como dissemos da autoria do mestre architecto Pedro Alonso de Amorim, e onde o entalhador e imaginário Adão Francisco deixou provas superiores da sua capacidade de decorador — sobe-se a escadaria principal, entra-se o grande aposento da capitular, atravessa-se o excepcionalmente longo lanço das celas, e, pelo que respeita a aposentos azulejados, caminha-se até à ampla varanda da extrema do edificio, formoso aposento da edificação do P.^o frei Jerónimo dos Anjos.

No primeiro lanço da escadaria, do lado esquerdo, exibem-se cinco largos *panneaux* de azulejo, em azul, representando combates, assunto este que se repete acima, no segundo lanço da escadaria, do lado direito, em três composições do mesmo carácter e colorido.

Entra-se em seguida no elegante salão da casa

capitular do mosteiro. A mitologia absorve tôda a acção decorativa dos nove, principais e largos quadros azulejados. Por intermédio de uma cuidada figuração mitológica glorificam-se, no aposento, a *Pintura*, a *Arquitectura*, o *Fogo*, a *Terra*, o *Ar*, a *Primavera*, a *Escultura*, a *Água* e o *Mar*.

Porém, os sucessos da obra de azulejaria não param, e assim a galeria magistral das celas abre logo ao seio do grande salão capitular, exibindo-se dali até longe, à aguarela húmida de alegria da grande varanda hieronimiana. Da esquerda, a sobreporta azulejada da primeira cela mostra-nos, sob o escudo mosteiral, a data de 1747, que supomos ser a da realização, por Policarpo de Oliveira Bernardes, de todos os azulejos monocromos da Costa. Mas não se trata apenas de uma decoração de sobreportas, do género daquela que aqui reproduzimos pelo desenho, dispondo-se sobre a entrada de cada uma das celas. Além dessas, a todo o comprimento da extensa galeria do dormitório, cinquenta grandes *panneaux*, cobrindo artisticamente os vãos das portadas, em suntuoso *lambris*, surgem exibindo, dentro de caprichosas molduras de tipo *rococó*, scenas de combates, recepções, pescarias, caçadas, jogos, representações, navegação, pastoreio, etc.

Por fim, aparecem-nos na varanda montada ao ar livre os azulejos de representação histórica, ladeando os dois *panneaux* de que tratamos a portada central do único ângulo fechado do aposento. Representa o primeiro apresentação, por parte de D. Jaime, Duque de Bragança e 2.^o de Guimarães, ao P.^o Frei António Moniz, da Bula pontifícia que concedeu, em 1528, a cedência do mosteiro dos cônegos Regrantes de Santo Agostinho aos monges de S. Jerónimo; e o segundo dos quadros de azulejo representa o salão de uma das aulas da antiga universidade hieronimita de Guimarães, onde o P.^o frei Jorge de Belém dá lição de Humanidades, Filosofia e Teologia aos infantes D. Duarte e D. António, filhos bastardos de D. João 3.^o e do Infante D. Luís, seu irmão.

Ao todo, e além dos azulejos de género *tapete* e das numerosas decorações das sobreportas — nada menos do que setenta e um *panneaux* com representação figurada.

Em S. Francisco de Guimarães dispõem-se no cruzeiro e capela-mor azulejos da primeira metade do século XVIII. Poucas composições existem em Portugal da dimensão enorme destas que passamos a referir, bastando dizer que elas alcançam desde o pavimento até à abóbada arcezonada do amplo e belo templo ogival. Do arquivo de S. Francisco de Guimarães anterior a 1834 desconhece-se o paradeiro. Torna-se assim impossível dizer qual a data precisa da factura, bem como o nome do seu autor. O eminente historiador e crítico de Arte Sr. Joaquim de Vasconcelos encareceu já, publicamente, o mérito destes azulejos, considerando-os dos melhores existentes no país¹. Tanto os azulejos do cruzeiro como os da capela-mor referem-se a milagres de Santo António de Lisboa, sendo de considerar que se não trata de composições repetidas de qualquer outra decoração nacional ou estrangeira, pelo menos no que respeita a um dos assuntos ali tratados, pois esse é exclusivamente vimaranense.

As composições, aliás singelas, que decoram o cruzeiro pouco se distinguem, atento o largo desenvolvimento das talhas de tipo *rocaille* que ornamentam os arcos da capela principal e as duas laterais. Vêem-se, no entanto, o suficiente para poder principiar a reunir juízo àcerca não só do bom desenho e qualidades técnicas dos azulejos, como também àcerca das grandes faculdades de decorador do mestre seu executante. Dentro, na capela-mor, da direita, ao primeiro plano e em quadro que excede duas dezenas de metros de altura, *Santo António* prega aos peixes. Esta, bem como a outra face da capela-mor, é dividida em duas ogivas, por virtude da colocação central e média de um estribo, ocupando na segunda arcaria a quasi totalidade do espaço uma elegante janela gótica, sob e em torno da qual os motivos ilustrados do azulejo se desdobram. Na base dessa janela está colocado o quadro de um milagre de Santo António no qual se vê, entre

¹ Joaquim de Vasconcelos — *A exposição de cerâmica* — in «Revista da Sociedade de Instrução do Porto», vol. 3.º, n.º 4.º, pág. 198 (1883).

um grupo rígido de herejes, o jumento de um moleiro ajoelhando perante o aparecimento da Eucaristia conduzida pelo Taumaturgo.

Sob a janela fronteira àquela, novo pequeno quadro se instala, no qual Santo António cura um doente; e a seguir, em grande composição fronteira e em tudo correspondente à do milagre dos peixes, já descrita, surge o quadro original, em dois motivos, denominado do «Ladrão». Narra a crónica da ordem que o mendigo Manuel Dias, natural de Coimbra¹, assaltou na noite de 29 de Abril de um ano que ainda não pôde precisar-se o altar de Santo António na igreja conventual de S. Francisco de Guimarães. O roubo não chegou a ser perpetrado em virtude de a grade que vedava o altar ter caído sobre o ladrão e o ter imobilizado. Eis então que, na manhã seguinte, frades e senhores do burgo, os primeiros mostrando ao santo o objecto do furto, empunhando círios e maravilhados do sucesso os segundos, todos surgem no templo. E' este o motivo de natureza moral dos dois trechos do *panneau* de proporções formidáveis. Para corroborar o aspecto histórico do assunto ainda hoje, a 29 de Abril de cada ano, a V. O. T. de S. Francisco celebra com missa cantada a «Festa do Ladrão».

São seis os quadros de azulejo que, envolvidos por largas e bem traçadas molduras de acantos, ornamentam, nas laterais, a capela-mor do templo do extinto convento das Capuchinhas. Com episódios respeitantes à vida da Sagrada Família, os azulejos nada têm todavia de particular pelo que se refere à maneira de interpretar os assuntos, pois, segundo cremos, não se trata de mais do que de simples cópias de gravura ou, quando muito, de cópias de pintura de uma valia muito secundária. Ocupando todo o espaço devoluto dos muros e isolados uns dos outros pelas fortes molduras, os azulejos representam, da esquerda: o *Sonho de S. José*, a *Anunciação da Virgem*, a *Apresentação no Templo* e a *Fuga para o Egipto*, destacando-se epi-

¹ Era casado com Esperança da Trindade, e faleceu no hospital da Misericórdia de Guimarães em 10 de Junho de 1710, sendo sepultado no convento de S. Francisco.

sódio principal dêste último quadro, separados pela vegetação, *um frade*, que repousa, e *um pastor* que se faz acompanhar do seu cachorro; e da direita os azulejos representam, em igualdade de condições de emolduramento: a *Adoração dos Pastores*, o *Casamento da Virgem* e a *Adoração dos Reis*. Na placa dêste último quadro, à extrema esquerda, existiu um outro motivo, o qual actualmente se encontra em circunstâncias de não poder ser compreendido.

São azulejos do século XVIII.

Igualmente, na capela-mor da igreja de S. Dâmaso, em Guimarães, se instalam azulejos do séc. XVIII, representando, como alguns outros já descritos, cópia de uma série de gravuras, obtidas porventura das páginas de algum livro devoto. Descrevem êsses azulejos, em quatorze quadros de dimensões regulares, a vida do santo pontífice, filho de Guimarães segundo os próprios trechos sacros, e gracioso poeta místico ¹, iniciando-se os assuntos no baptismo de S. Dâmaso, e terminando com a adoração do seu túmulo. As molduras são de bom delineamento; porém, o desenho de figura peca por falta de elegância e mesmo, por vezes, por falta de correcção.

Laços é um formoso arrebalde de Guimarães, e a capelinha solarenga da propriedade desta denominação conserva não só boa obra de talha como de azulejo ¹. E' um conjunto tanto mais para admirar quanto é certo ser o templozinho de diminutas dimensões. São três os bons *panneaux* de azulejo que sob a entrada e nas laterais revestem a capela da Quinta de Laços. Sobre a portada central *S. Francisco* recebe os estigmas; da esquerda lateral, representa-se *S. Paulo na estrada de Damasco*; e da direita, *S. Paulo prègando aos infiéis*.

¹ Edesletan Du Méril — *Poésies populaires latines ant au XII siècle*, pág. 178. Dr. J. Simões Neves — *Origem da Poesia Rítmica*, pág. 94 e 95.

¹ Na nota do tabelião de Guimarães Nicolau de Abreu fazem escritura, em 1 de Junho de 1685, Paulo Borges e seu filho Francisco Borges Peixoto, obrigando ao culto da capela de S. Paulo, sita na sua propriedade de Laços, os campos de Oleiros e Pedreiros, sitiados como a dita capela na freguesia de S. Miguel de Creixomil, termo de Guimarães, outorgando ao respectivo pároco o direito do livre exercício cultual.

Há nestes *panneaux* — que parecem inspirados (os laterais) em boas tapeçarias, porventura alguma série sôbre os *Apóstolos* — bom desenho, boa tinta e bom esmalte. Pertencendo ao número dos mais antigos azulejos figurados de Guimarães, pertencem igualmente ao grupo vimaranense de maior distinção.

ALFREDO GUIMARÃES.

Quinta do Atalho
Maio de 1925